

**"LAR FELIZ": RELATO DE PESQUISA EM INSTITUIÇÃO DE  
ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**  
*"Happy Home": Report of Research Institution of Teens and Childrens  
Reception*

**PAULINO-PEREIRA, Fernando César**

Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão

**POLTRONIERI, Renata.**

Faculdade de Jaguariúna

**ALVES. SANTOS, Lara Gabriella**

Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão

**Resumo:** O Lar Feliz, na cidade de Jaguariúna/SP, é uma instituição que acolhe crianças e adolescentes afastadas do meio familiar, por sofrerem maus tratos ou encontrar-se em situação de risco. O objetivo das visitas na Instituição foi o de investigar e fornecer elementos para o diagnóstico do grupo identificando as representações dos membros acerca de sua realidade, expressar o conjunto das representações coletivas e observar a movimentação dos sujeitos no Campo Afetivo. Os dados observados foram registrados em Diário de Campo. Das observações participativas realizadas sugeriu-se um trabalho de oficina-vivência com os adolescentes. A construção da identidade na adolescência é marcada pela referência aos grupos, a amizade é um vínculo afetivo forte entre eles durante suas permanências na Instituição, porém o "olhar" para um futuro fora da Instituição mostra que eles não deixaram de sonhar.

**Palavras-chave:** Instituição, Adolescentes, Identidade.

**Abstract:** The Happy Home in the city of Jaguariúna / SP, is an institution that welcomes children and adolescents that are away from the family, for being abused or be at risk. The purpose of the visits in the institution was to investigate and provide evidence for the diagnosis of group members identifying representations about its reality, to express the set of collective representations and observe the movement of the subject in the Affective Field. The observed data were recorded in Field Journal. Of participatory observations made suggested a work-shop experience with teens. The construction of identity in adolescence is marked by reference to groups, friendship is a strong emotional bond between them during their stays in the institution, but the "look" for a future outside the institution shows that they have not stopped dreaming.

**Keywords:** Institution, Teens, Identity.

## Introdução

Como atividade prática da disciplina de “Atenção à Saúde em Instituição”, foi proposto aos alunos do 8º semestre do curso de Psicologia da Faculdade de Jaguariúna, no ano de 2008 que, em grupos, visitassem cada qual, uma Instituição Total que abrigasse adolescentes. O intuito era de conhecer a instituição e fazer uma intervenção com os jovens institucionalizados, sedimentando na prática a teoria apresentada aos alunos durante o semestre. Goffman (2007, p.11) entende Instituição Total como um *“local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos, com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada”*.

De acordo com César (1998) a mesma ciência higienista que no final do século XIX, início de século XX “inventa” a adolescência como seu objeto de estudo, institui um novo modelo de família – a burguesa – cuja atenção é centrada na educação dos filhos, tendo a mãe um papel de destaque e recria as instituições apropriadas ao amparo e vigilância desses adolescentes, como as escolas e instituições jurídicas e correccionais, para onde eram enviadas as crianças e adolescentes cujas famílias não davam conta de criar conforme os moldes higienistas (longe das ruas), normalmente filhos de pobres.

A instituição visitada, Lar Feliz, situada na cidade de Jaguariúna – SP, abriga crianças e adolescentes – de até 18 anos que são afastadas de suas famílias, por essas serem consideradas pelo Estado de não terem condições financeiras e/ou emocionais de “educá-las” como adultos saudáveis – vistas muito provavelmente como delinqüentes juvenis.

São, na sua maioria, crianças e adolescentes, que sofriam maus tratos ou encontrava-se em situação de risco dentro da família, além de outras que foram totalmente abandonadas. Toda criança e adolescente que estão em situação de acolhimento institucional têm o direito à convivência familiar e comunitária. O Acolhimento Institucional é uma das medidas de proteção aos direitos de crianças e adolescentes que está no artigo 101 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. A aplicação implica na suspensão do poder familiar, ocasionando o afastamento temporário da criança do convívio familiar. O Acolhimento Institucional deve ser aplicado apenas em situações em que os

pais ou responsáveis deixarem de cumprir seus deveres de sustento e de proteção aos filhos. A medida de suspensão do poder familiar também deve ser aplicada nas situações de crianças e adolescentes que foram submetidos a abusos, maus tratos ou devido ao descumprimento de determinações judiciais.

Segundo os diretores da Instituição “Lar Feliz”, o trabalho na instituição é feito com base na reeducação estruturada na disciplina, no senso moral e no conhecimento espiritual, a partir do que propõe aos internos uma “ajuda no reconhecimento do papel dos afetos na vida, nos processos de aprendizagem e nas práticas profissionais, levando ao autoconhecimento e o conhecimento e aceitação do outro enquanto diferente”.

A visita do grupo à Instituição “Lar Feliz” teve por objetivo fornecer elementos para o diagnóstico do grupo, além de identificar as representações dos membros desse grupo acerca de sua realidade, expressar na forma de desenho o conjunto das representações coletivas e observar a movimentação dos sujeitos no campo afetivo. Além de refletir criticamente acerca das peculiaridades da institucionalização de crianças e adolescentes e suas conseqüências em termos de inclusão e exclusão social, e caracterizar a atuação do psicólogo no atendimento de crianças e adolescentes no contexto institucional, considerando a diversidade teórica que o embasa.

As famílias de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional possuem diversas dificuldades para suprir as necessidades básicas de seus filhos. Em algumas situações ocorre a negligência, a violência ou abuso sexual, maus tratos, exploração do trabalho infantil, constituindo assim violação de direitos. Diante deste contexto ocorre o acolhimento institucional.

Foram realizadas três visitas à Instituição, sendo a primeira com o objetivo de conhecê-la e colher dados sobre ela de um modo geral, já as demais foram utilizadas para a aplicação de oficina de vivência junto aos adolescentes. As visitas eram agendadas com antecedência e acompanhadas pela psicóloga da Instituição.

Os dados e observações coletados durante as três visitas foram cuidadosamente registrados em diários de campo. Pelissari (1998) refere-se ao “Diário de Campo” como “recurso metodológico individual e pessoal, que no

conhecimento e/ou reconhecimento de uma situação específica ou contexto, retrata o que se olha, como se olha e o que faz com o que está olhando”.

O Diário de Campo é um instrumento importante a ser utilizado na pesquisa-ação. É através dele que se pode relatar as experiências vividas pelo pesquisador. Nos Diários, que são relatos retirados à partir da percepção dos sentidos, há que se estar atento ao que se olha e a forma como olhamos a coisa observada, o olhar do pesquisador é reflexo de experiências passadas que são mescladas com as vividas no campo. Este instrumento torna-se de grande valia quanto a forma com que ele possibilita um registro dos dados, é através deste registro que se pode planejar uma melhor intervenção ou até mesmo para possibilitar elementos emancipatórios aos participantes da pesquisa, há também a regressão aos dados, que servem posteriormente para que possam ser elaborados relatórios posteriores para que as experiências ali vivenciadas possam ser compartilhadas posteriormente.

A partir do que fora observado na primeira visita montou-se um projeto especificando a forma como seria conduzido o trabalho (oficina/vivência) com os adolescentes, o qual foi entregue e aprovado pela psicóloga da Instituição.

Os adolescentes foram convidados a participar da atividade (as meninas na segunda visita em 13/11/08 e os meninos na terceira visita em 17/11/08). O grupo que aceitou o convite foi dividido em subgrupos, de acordo com o número de participantes. A atividade consistia em se elaborar, coletivamente, um desenho que representasse a forma como o grupo percebe seus sentimentos e anseios e narrar para os demais grupos o significado do desenho.

O tempo utilizado na atividade foi de uma hora aproximadamente, sendo 10 minutos para a apresentação do grupo e instruções, 30 minutos para a elaboração do desenho e 10 minutos para cada grupo apresentar seu desenho.

Foram utilizados: giz de cera, cartolinas, lápis de cor e caneta hidrocor na confecção dos desenhos. Os encontros com os adolescentes aconteceram no refeitório da Instituição, local amplo, com várias mesas redondas – ideal para a atividade.

**Descrrevendo a Práxis**

A instituição escolhida para visita e elaboração desse trabalho foi o “Projeto Lar Feliz”, na cidade de Jaguariúna – SP. O “Projeto Lar Feliz” nasceu oficialmente em maio de 2001 e abriga crianças e adolescentes de 0 – 18 anos. Essas crianças, em sua maioria, são afastadas da família por encontrarem-se em situação de risco, mas existem também ali, crianças que foram totalmente abandonadas pela família. A medida de suspensão do poder familiar também deve ser aplicada nas situações de crianças e adolescentes que foram submetidos a abusos, maus tratos ou devido ao descumprimento de determinações judiciais. “Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em uma família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes” (Art. 19 do ECA, 1990)

A maioria das crianças permanece no Lar por cerca de seis meses, tempo em que o Serviço Social procura por outros membros da família que queiram ficar com a criança até que os pais dessa revertam a situação problema e a criança possa retornar ao lar. A entidade não tem fins lucrativos e se mantém hoje graças ao apoio de prefeituras e doações de empresas e pessoas. Ela conta hoje com dois sítios, sendo que num deles residem todas as crianças divididas em: um berçário, uma casa de meninas/adolescentes, uma casa de meninos e outra para adolescentes do sexo masculino.

O outro sítio abriga missionários e voluntários, existindo a proposta de desenvolver ali algumas linhas de trabalho como criação de animais e aves, cultivo de plantas, fabricação de pães e bolos, dentre outros. Todas as crianças e adolescentes freqüentam as escolas do município e aquelas que estão atrasadas na educação têm aulas de reforço escolar com professores particulares voluntários. O acolhimento institucional deve possuir um caráter mediador. As instituições de acolhimento institucional, portanto deverão mediar, articular para fazer a intervenção de forma a considerar a contradição e a totalidade da situação. A vida cotidiana contém importantes características para que possamos entender a complexidade dos sujeitos. É necessário que as políticas sociais sejam mais eficazes que consigam gerar a inclusão social. É

difícil romper com a situação de miséria e exclusão social de forma individual, serão necessárias importantes transformações sociais.

No sítio procura-se seguir a rotina de uma família tradicional: acordar, higiene, café da manhã, escola, brincar, reforço escolar, limpeza e organização da casa, oficinas de artesanato, banho, jantar, dormir. As crianças e adolescentes são envolvidos nos deveres diários da casa – cozinha, limpeza e organização, seguindo uma escala de trabalho, além disso, cada qual lava as roupas que utilizam, menos as de cama e banho, que vão para a lavanderia - as roupas são da instituição e de uso geral entre as crianças e adolescentes.

A família tem um papel importante na formação do sujeito, e é considerada prioritária na proteção integral das crianças e adolescentes, conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente, é também, contraditoriamente, o cenário de maior expressão das desigualdades sociais. O grande desafio para os profissionais que trabalham com as famílias é pensar de que forma reverter esta situação. Como transformar as famílias em sujeitos de direitos que sejam conscientizados de sua condição de subalternidade e através de lutas sociais consigam reverter suas histórias.

No horário contrário ao da escola os internos têm aula de música, computação, inglês, artesanato, orientação sexual, atividades de lazer na piscina e quadra, dentre outros. Algumas atividades acontecem no sítio, porém, a maioria delas dá-se fora da instituição, uma vez que a preocupação maior está na inclusão social desses indivíduos. Crianças e adolescentes que estão em situação de Acolhimento Institucional têm o direito à convivência familiar e comunitária. Significa que estes sujeitos não devem ser desvinculados de sua família de origem pelo fato de estarem Institucionalizados. As Instituições devem manter os vínculos afetivos e sociais destas crianças e adolescentes com sua família de origem e com sua comunidade.

Os adolescentes que não foram reintegrados ao lar por um motivo ou outro são inseridos no mercado de trabalho e passam a estudar à noite. Eles ficam com parte do salário que recebem e a outra parte (cerca de 40%) vai para um fundo em benefício deles próprios, para poderem deixar a instituição quando for à hora – após os 18 anos. O Projeto Lar Feliz abriga hoje 64 crianças / adolescentes, sendo 32 meninas e 32 meninos, quatro deles são

bebês e conta com uma equipe de 35 funcionários entre monitores, assistente social, psicóloga, escrituraria e cozinheira.

Diante do que foi descrito acima a respeito da instituição percebemos que apesar do Lar Feliz destituir o indivíduo de alguns aspectos do seu “eu”, uma vez que o submete a regras gerais, dentre as quais chama atenção o uso de roupas coletivas, mostrando a anulação do individual, da subjetividade - Goffman (2007) refere-se a isso como perda das “comodidades materiais” que tende a refletir uma perda de escolha pessoal – existe a preocupação em manter outros, quando insere essas crianças/adolescentes em grupos diferentes fora da instituição.

Ao mandá-los para fora da instituição para estudar, participar de oficinas e outras atividades, junto a grupos diferentes, a instituição está permitindo que essas crianças/adolescentes assumam outros papéis – o de aluno, de amigo, de jogador de futebol, de músico, de artesão, dentre outros – a partir do que esses indivíduos constroem sua identidade. Segundo Ciampa (1986, *apud* PETERS et al. 2007) o suceder de papéis e personagens colocam o indivíduo numa dinamicidade criativa que leva à produção da identidade. Diferente da mesmice que tolhe o vir a ser (PETERS et al. 2007).

Galletti (2000, *apud* PETERS et al., 2007) lembra que a construção da identidade na adolescência é marcada pela referência aos grupos, na possibilidade da construção de identificações no confronto com o outro e o estabelecimento de vínculos. A medida de acolhimento institucional, também pode ser vista como uma estratégia, utilizada para a sobrevivência de algumas famílias, que entregam seus filhos acreditando que, naquele espaço, terão um desenvolvimento mais saudável. Visto a sua carência de recursos e a garantia de seus filhos conseguirem estudar, se alimentar e vestir justifica a convivência institucional em detrimento à convivência familiar.

As famílias de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional fazem parte desta população de sujeitos ameaçados, sem uma condição de trabalho formal, sem segurança, que precisa ter segurança e proteção social. Sujeitos que desconhecem suas capacidades, que estão numa situação de exclusão e não se vem mais com condição de transformar suas realidades. Algumas pesquisas apontam para os principais aspectos representativos para as crianças e adolescentes em relação à

institucionalização, como de que os abrigados possuem fortes vínculos com a família biológica; tem pouca ou nenhuma informação a respeito de seus processos judiciais; veem o abrigo como um lugar acolhedor para com suas necessidades básicas.

A criança e o adolescente que é acolhido no Lar Feliz trazem consigo uma bagagem histórica e as circunstâncias que ocorreram em sua vida e que causou a retirada da sua família de origem e de sua comunidade. Os profissionais das instituições de acolhimento têm uma importante tarefa de poder ser os articuladores destes fatos e realidades. Isto fará com que não se veja estes sujeitos somente a partir da situação da qual foram rompidos os laços familiares e sim a totalidade a que eles pertencem

É perceptível a importância da amizade no vínculo afetivo que os adolescentes fazem durante suas permanências na Instituição, isso é constatado quando observamos as frases e desenhos colocados nos trabalhos realizados: “amigos nunca se vão, apenas tomam rumos diferentes”, desenharam vários rostos juntos e escreveram “amizade”, desenharam uma carinha sorridente e disseram que simbolizava a amizade, e um coração partido que é “quando os amigos se vão” (Diário de Campo 13/11/2008).

As crianças e adolescentes nas instituições de acolhimento estão na maior parte do tempo em grupos e nesta convivência diária expressam e revelam suas histórias de vida. Quanto mais houver espaços para expressão e elaboração dessas histórias, como esse que aqui foi relatado, mais ferramentas haverá para se lidar em situações de conflito e ajudar as crianças e adolescentes a se fortalecerem. É preciso combater as políticas de identidade que servem para manutenção da realidade do indivíduo, impossibilitando muitas vezes que ele consiga sua diferenciação, impondo-lhe a heteronomia que nega a experiência e atribui um sentido *a priori* para a vida do indivíduo.

Atuando junto a esses jovens numa perspectiva de um atendimento grupal, buscando atuar no sentido de preservar à vida comunitária e no desenvolvimento para a autonomia desses sujeitos. O espaço do grupo permitiu que, através do contato com relatos de outros participantes e seus desenhos, cada criança e adolescente identifique-se com as histórias dos demais e possa mobilizar e elaborar a sua. O grupo pode levar, assim, à construção de novas compreensões a respeito de si mesmo e do outro,

possibilitando o relacionamento com as diferenças e a aprendizagem de novas formas de lidar com as situações da vida.

Mesmo ficando evidente que a família os deixa e muitas vezes não os quer de volta esses adolescentes demonstram-se felizes nessa instituição, alguns querendo retornar ao lar, enquanto outros não. O sofrimento, as condições de vida antes de irem para a Instituição e a própria vida na Instituição podem causar frases como esta: “Eu amo o Lar Feliz! Agora sou uma menina boa” (Diário de Campo 13/11/2008) – o que é bastante preocupante. A formação de grupos que abordem temas relevantes para o desenvolvimento das relações e dos vínculos é de grande contribuição.

Também é possível levar os abrigados a participar da comunidade na qual estão inseridos, seja através da escola ou outras instituições. O trabalho em grupo revelou-se uma estratégia produtiva para trabalhar a expressão e compartilhamento das histórias de vida nas instituições de acolhimento. Nos grupos, quando é possível construir um espaço de respeito e confiança, cada criança/adolescente pode compartilhar suas histórias percebendo temas e situações parecidas nas vivências de outros. Isso gera uma aproximação afetiva entre algumas crianças e adolescentes e uma maior compreensão de cada um sobre sua própria história.

Quanto ao futuro fora da Instituição, as meninas querem profissões como professora ou estilista, enquanto que os meninos querem ser jogadores de futebol ou peão de rodeio (Diário de Campo 17/11/2008), possivelmente influenciados pela mídia – profissões rentáveis financeiramente e que não requerem muitos estudos. É preciso lidar com estas situações adversas levando em conta a realidade dessas crianças e adolescentes. Cada situação de acolhimento requer uma forma de intervenção.

É preciso intervenções que como essa realizada no Lar Feliz, contemplem uma (re) construção de um projeto de vida, e através dos desenhos pensar sobre a construção de recursos para lidar com as sequelas do passado e de padrões disfuncionais, bem como a capacidade de dizer, construir novas leituras, ressignificando sentimentos como, baixa autoestima, impotência, desconfiança no futuro e nos outros.

### Considerações Finais

As observações e dados coletados em função desse trabalho dão conta de responder os objetivos pré-estabelecidos a esse e nos levam à compreensão de que o “Projeto Lar Feliz”, embora atenda aos moldes de instituição total, procura dar aos internos o suporte que deveria ter sido dado pela família – segundo o modelo higienista (CESAR, 1998) – e que essa, por algum motivo não foi capaz de fazê-lo, sem, contudo fadar seus internos à “serialidade” descrita por Sartre e citada por Peters et al. (2007), como ser produzido pelo outro como mercadoria, em série, descaracterizado da condição de ser humano, sem querer próprio, desprovido de subjetividade, embora ainda existam fatores que remetam à lembrança dessa instituição que engessa o indivíduo, e que, sem dúvida precisa ser revisto.

Um exemplo disso são as roupas de uso coletivo. Porém, em contrapartida, proporcionam, além da escola, diversas atividades fora da instituição para que ocorra a inclusão social. É relevante afirmar que independente do lugar, família de origem, família substituta ou instituição de acolhimento, a criança pode se desenvolver se tiver o mínimo de amparo comunitário para a construção de vínculos afetivos e aprendizagem das leis e regras sociais. Assim, discussões realizadas nesse artigo são apenas algumas das contribuições possíveis dos pontos citados, havendo ainda espaço para novas pesquisas, e novos debates da temática.

O trabalho do psicólogo encontra lugar de destaque devido ao desafio de tantas representações e subjetividades envolvidas no processo de acolhimento, que se entrelaçam em uma rede complexa de proteção e cuidado, sobretudo, para a reflexão acerca do lugar da família e da comunidade no desenvolvimento dos abrigados, bem como no sentido de tornar a instituição permeada pela afetividade, onde se pode construir subjetividades e ao mesmo tempo desenvolver a autonomia do sujeito, como uma preparação para a vida, para sua emancipação. A emancipação implica na participação ativa do sujeito e envolve o empoderamento com vistas à organização social e ao enfrentamento, ou seja, promove a transformação social.

**Referências Bibliográficas**

CÉSAR, M. R. A. A Invenção da “Adolescência” no discurso Psicopedagógico, Dissertação de Mestrado, Campinas, **Unicamp**, 1998.

GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. 7ª edição, São Paulo, **Perspectiva**, 2007.

PELISSARI, M. A. O Diário de Campo como instrumento de coleta e registro de dados, Piracicaba, Unimep, (**Mimeo**) 1998.

PETERS, S.; PAULINO-PEREIRA, F. C.; SOARES, S. R. Intervenção em processos grupais e a questão da identidade de adolescentes em situação de pobreza. In **Travessias: Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte**, UNIOESTE (online), v. 01, n.01, p.01-24, 2007.